



Suplemento infantil do jornal
O SÉCULO

ANO XIV

N.º 720

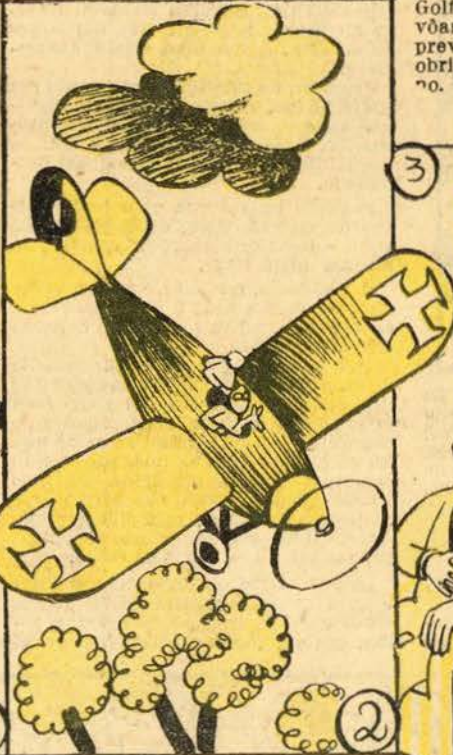
AS GRANDES AVENTURAS do AERONAUTA MATIAS e do PILOTO «PATÓ»

Ao fim de três dias, depois de se haverem abastecido da gasolina necessária para o prosseguimento do audacioso «raide», ei-los, de novo, a caminho, em direcção a «SARILHOS», segunda etapa da arriscada empresa, que já ao longe se avista, a poucas milhas do Golfo de «Okealhada», sobre o qual vôm agora. Entretanto, uma imprevista falha num dos motores, obriga-os a descer em pleno Oceano. Um barco, de alto e farto ve-

(Continua na página 8)



Num gesto instintivo de defesa, levaram, ao mesmo tempo, a mão ao bolso trazendo as calças e, sacando das respectivas pistolas, desfecharam dois tiros sobre o preto que caiu redondamente no chão. Voltaram, então, correndo vertiginosamente, para o local onde se encontrava o avião, que, dentro de alguns breves minutos, ergueu vôo para região mais segura.



Decorridas 6 horas de viagem, aterraram numa povoação importante, também ao norte de «África», onde, a par de alguns negros, se encontravam bastantes europeus civilizados, que, atenciosamente, prestaram a melhor assistência aos arrojados aeronautas. Já instalados num magnifico hotel, puderam, finalmente, refazer-se de todos os contratempos e incômodos da longa viagem.



A MENINA dos CABELOS de OIRO

CONTO POPULAR, DA TRADIÇÃO ALGARVIA

CERTO dia, ou melhor certa noite, um pequenito, estando acordado, junto de sua irmã que dormia, ouviu o pai dizer à mãe, em virtude de serem muito pobres, no modesto quartinho ao lado: — «É necessário desembaraçarmo-nos de um dos nossos filhos, porque não podemos com tanta família.

O pequeno, acordando a pequenina irmã, contou-lhe o que tinha ouvido e combinaram fugir de casa. Nessa mesma noite puseram-se ao caminho.

Já muito longe de casa, o pequeno, sentindo-se cansado, adormeceu com a cabeça no regaço da irmã. Passaram, então, junto delas três fadas que, ao verem a pequenita, lhe concederam três mágicos dons: — «Eu te fado



para que sejas a cara mais linda do mundo!» disse uma: — «Eu te fado para que, sempre que te penteares, deites ouro pelos cabelos!» — disse a segunda. — «Eu te fado para que as tuas mãos fiquem sendo as mais habilidosas e prendadas da Terra!» disse a terceira.

Assim que o pequeno despertou, puseram-se novamente ao caminho e foram dar a casa duma velha muito feia, que os recolheu.

Passado algum tempo, o rapaz precisou de algum dinheiro. Como não o

tivesse, a irmã penteou-se e elle levou o ouro, que se desprendeu do seu cabelo, para o vender na cidade. O ourives que lho comprou, deveras desconfiado, perguntou-lhe onde e como havia conseguido tanto ouro. O pequeno explicou como o obtivera mas o ourives, não acreditando no que elle lhe dissera, foi dar parte ao rei que o mandou prender, até vir a irmã a sua presença para se apurar a verdade.

A velha resolveu então matar a menina dos cabelos de ouro. Ao fim de alguns dias, a menina, cheia de fome, implorou-lhe uma côdea de pão e um caldinho. A velha disse-lhe que sim mas com a condição de lhe tirar um dos olhos. A menina consentiu para não morrer de fome. Passados dias estava a menina quasi a cair com sede. Pediu à velha uma pinga de água e ela respondeu-lhe que só lhe daria se deixasse tirar-lhe o outro olho.

Quando chegou a ordem do Rei para que a levassem à Corte, já ela estava completamente ceguinha.

Entretanto, a velha resolveu atrá-la ao mar e levar ao Rei, em lugar da menina, a sua filha feia e desgraçada.

Prêso numa alta torre, encerrado em triste prisão, estava o irmão da menina, quando, ao debruçar-se pelo alto postigo, avistou, bolando no mar, o vestidinho da irmã e esta quasi desmalhada.

Fazendo uma corda com os lençóis da sua mísera cama, conseguiu fazer subir a irmã que guardou consigo, no alto da negra torre.

A distância, no palácio real, a velha chegara com a filha e havia ordem de se matar o rapaz se ela não deitasse ouro dos cabelos.

Mal a menina teve conhecimento disto, pediu ao carcereiro da torre que lhe desse umas folhas de papel para fazer flores e a menina, apesar de ceguinha, fez um lindíssimo ramo que foi enfeitado com as joias e o ouro da sua maravilhosa cabeleira. Os dois irmãos pediram ao carcereiro que mandasse apregoar, pela cidade além, aquele lindo ramo, que não se vendia por dinheiro mas por dois olhos.

Embora o ramo fosse desejado por toda a gente, ninguém arrancava os olhos para os trocar pelo ramo; a velha, porém, mal suspeitando a quem



pertencia o ramo, comprou-o, dando em troca os olhos da menina, que tinha em casa, dentro duma caixinha de marfim.

Assim que a menina se apanhou com os olhos, pô-los, imediatamente, nas órbitas e de novo viu.

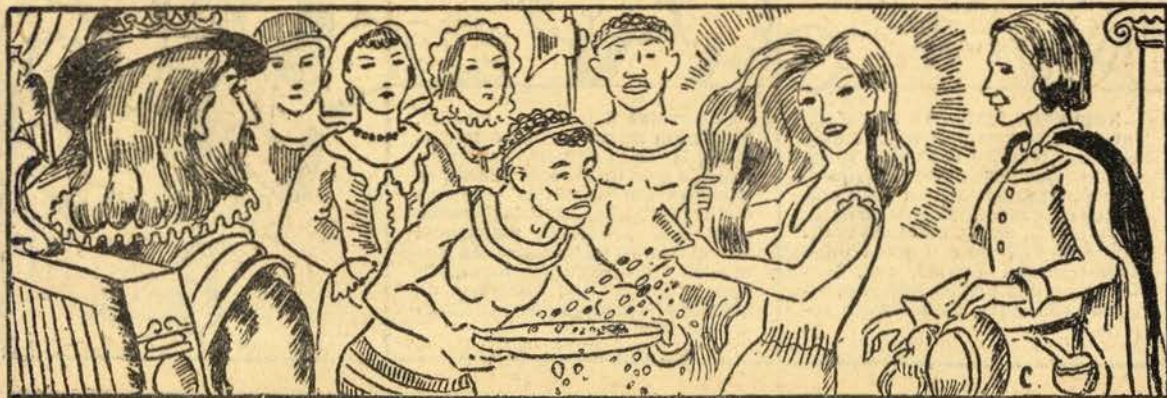
Entretanto, a velha levava a filha à presença do Rei, mas este ficou desiludido, porque da sua feia cabeleira nem um fiozinho de ouro se soltava.

Jam já mandar matar o rapaz, quando elle enviou uma mensagem ao Rei, pedindo-lhe a mercê de deixar apresentar a irmã na sua real presença.

Concedida a licença, entrou a menina no salão do paço e, penteando-se em frente do Rei, deixou-o maravilhado com o ouro puríssimo que se desprendia dos seus cabelos e com o condão da sua beleza extraordinária!

Comovido pelas torturas que a menina havia passado, devido à malvez da velha, o rei, mandou chamar o seu filho mais velho, que era dotado de grande bondade e formosura.

Ao vê-lo aproximar-se, o Rei perguntou, então, à «menina dos cabelos de ouro» se elle lhe agradava para seu marido. Como a resposta fôsse afirmativa, pediu-lhe a sua mão, que ella logo estendeu, com um lindo sorriso, e deu-lha em casamento.





MAIS DEPRESSA SE APANHA O MENTIROSO...

Por TAVARES PINTO



O senhor Belizário queria, por força, ter fama de caçador. Realmente, na época própria, não havia qualquer coelho para casa, era certo e sabido que o infeliz fora adquirido, já cadáver, num mercado qualquer. Chegou, entretanto, o dia do aniversário da esposa do sr. Belizário, e este prometeu-lhe que lhe traria da caça qualquer coisa de fenomenal.

De manhã cedo partiu... Por lá andou todo o dia, moendo os pés... sem resultado!

Caíu a noite... Desconsoladíssimo, encaminhou-se para casa. A meio caminho, porém, encontrou um seu vizinho, Mestre Malaquias, também caçador, que levava, numa rede, uma bonita raposa, ainda viva.

Um rico presente para a sua cara metade!—pensou ele.

E logo ali começou a fazer ofertas, disposto a comprar o bicho. Tantas ofertas fez que o outro decidiu-se a vendê-lo por cem escudos.

Calcula-se a alegria e o espanto da senhora e dos meninos Belizários, seus entalados, e o pasmo pela sua pontaria. Belizário impava de orgulho, em face da proeza que lhe atribuíam.

Como a raposa estava viva, viva a deixaram ficar, metendo-a na capoeira, vazia, do quintal.

Ora o principal da história ainda se não deu. O terrível, o horripilante! Ides saber... Escutai:

A raposa, certo dia, achou que o

melhor que tinha a fazer era... mudar de sítio! E, uma bela noite, se bem o pensou melhor o fez. Porém, estava

baixo duma cama, onde dormia sossegadamente um casal. Mas isto não se fez sem ruído e a mulher, despertando, olhou para debaixo da cama!

Que tal fizeste!... Uns olhos brilhantes olhavam para ela.

Terrível gritaria se ouviu... O marido acordou espavorido, supondo tratar-se dum ladrão. Então, a raposa, cheia de medo, começou saltando dum lado para o outro, partindo ou danificando toda a mobília.

Quando, por fim, a conseguiu apanhar, o Mestre Malaquias, pois era ele, reconheceu a raposa que vendera ao vizinho. A sua cólera contra este, não teve limites. Mesmo de noite, dirigiu-se a sua casa e intimou-o a pagar-lhe todos os prejuízos sofridos.

E berrava:

—«Que arrependido estou de lhe ter vendido a raposa!»

A esposa do senhor Belizário perguntou, então:—«Pois não foi ele quem caçou a raposa?»

—«Não, minha senhora, vendi-lha eu por cem escudos!»

Os meninos Belizários e a mamã fizeram uma tal surriada ao caçador aldrabão, que este acabou por jurar nunca mais ir à caça.



PASSATEMPO

Arranjem uma porção de figuras, do mesmo tamanho e com traços diferentes, e cortem todas pela cintura. Com esses bocados, podem formar-se, trocando-os, uma porção de bonecos exóticos, que causarão o riso ao mais sisudo.



Maria Roséles Cabrita da Silva 11 anos



Maria Amélia Soares Fernandes 10 anos

INTERCÂMBIO EPISTOLAR

Avisando, mais uma vez, as nossas leitoras de que não devem enviar-nos mais retratos, em virtude de se encontrar encerrada a primeira série do nosso intercâmbio epistolar, publicamos hoje as quatro últimas inscrições, cabendo em sorte a cada uma das fotografadas a amiguinha que lhe fica ao lado.



Maria Estrêla Cerqueira Gonçalves 11 anos



Luísa M. Passão Bamar 13 anos



CHICO TORNIQUETE



O AZ DO AUTOMOBILISMO MUNDIAL

◆ ◆ Por G. B. ◆ ◆

CHICO Torniquete é hoje apresentado aos leitores do «Pim-Pam-Pum» e podem ter a certeza de que ficam conhecendo o mais extraordinário «A's» do automobilismo mundial de todos os tempos. Chico Torniquete é magro, baixo, narigudo, bexigoso, mas tão esperto, tão destemido, tão enérgico, tão valente, que sempre que termina os seus arrojadíssimos «records» automobilísticos é levado em triunfo aos ombros da multidão entusiasmada, que o aclama em delírio e que... dá graças a Deus por êle ser tão magrinho.

Além de tudo isto, o nosso Chico



CHICO
TORNIQUETE

Torniquete é um rapaz simpático culto, e viajado.

Ora, meus meninos, venho hoje dar-lhes a agradável notícia de que Chico Torniquete vai iniciar uma das suas mirabolantes corridas de velocidade. A expectativa é emocionante! Todo o mundo acorre a Portugal!

Chico Torniquete deve «arrancar» às sete da manhã, da Avenida da Liberdade, em Lisboa! O seu carro de corridas, construído por êle próprio e de

marca C. T. (Chico Torniquete) é veloz e extraordinário como o seu próprio inventor.

A chama da glória atea-se já sob a cabeça do nosso Herói!

Antes, porém, de dar começo à corrida, quero elucidá-los sobre um ponto importante da vida de Chico Torniquete.

Chico Torniquete tem um inimigo mortal!

Um homem que o odeia de morte (por antigas questões desportivas) e que jurou fazer-lhe todo o mal que lhe seja possível!

Êste monstro, com forma humana, chama-se Nicolau Rebola e é gordo e baixo como uma bola de «foot-ball». Apesar do seu feitio diabólico, temos que reconhecer que Nicolau Rebola é inteligentíssimo e que tem tanto de perspicácia como de malvadez!

Ê aviaador arrojado, acrobata e inventor das célebres bombas «Pum! Pum!» que têm o poder fantástico de, num segundo, reduzir os corpos completamente a pó.

Nicolau Rebola tem um coração perverso, alma de bandido, espírito traçoelro, vingativo e só de escrever-lhe o nome estremece-me a mão e a caneta escorrega-me dos dedos!!!!

Assim que as «T. S. F.» de todo o mundo, anunciaram, em altos berros, a próxima corrida de Chico Torniquete, Nicolau Rebola, que ouviu as notícias através do seu minúsculo aparelho de rádio, de pulso,— que usa como um relógio— deu um pulo formidável, gritando colérico:— «Ah! Chico Torniquete vai entrar numa nova corrida?!... Tens-me à perna, meu menino!...»

E fechou-se, rapidamente, no seu laboratório infernal.

Entretanto, Chico Torniquete,— o ídolo das cinco partes do mundo— prepara-se para a sua celeberrima prova automobilística. Os competidores são: Colbert (americano); Joseph

Boyer (francês); Bellier (belga); Fred Herrmann (alemão).

São, portanto, cinco «ases» que vão disputar o prêmio até hoje nunca concedido: a estátua do vencedor, toda em ouro e em tamanho natural.

Chico Torniquete não descança um momento; aperfeiçoa todas as molas



NICOLAU
REBOLA

do seu carro, vê, perscruta, estuda observa, pratica e leva as noites em claro, preocupado com a grande prova a que vai submeter-se.

Êle é o campeão do mundo e não quer deixar cair o alto lugar de destaque que ocupa no campo do desporto mundial. Estava, uma tarde, Chico Torniquete procedendo a diversos apuramentos no seu «C. T.» quando, de súbito, e após a rápida passagem dum avião no espaço, lhe cai aos pés um bilhete. Chico Torniquete, espantado, desdobra-o num ápice, e logo lhe salta à vista a cruz negra,— divisa horripilante do seu inimigo de morte.

Com o seu sorriso heroico, mixto de ironia e desafio, o nosso extraordinário «Ás», lê:— «Voarão sobre ti as minhas asas negras. Desta vez, veremos

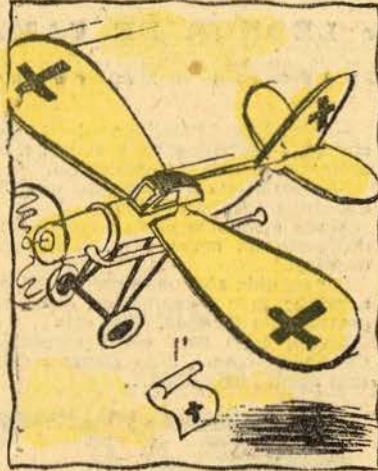
se vences. Seguir-te-ei por tóda a parte. Ah! Ah! Ah.—

Com a sua fleugma habitual e superior, Chico Torniquete rasgou o bilhete em pedaços, soprou-o, atirando-o ao ar, e continuou o seu trabalho, assobian-do o «Vira» das «Pupilas»...

Estamos, finalmente, na manhã da partida para a grande corrida internacional. O itinerário será Lisboa-Madrid em 48 horas, 1.ª etapa. Madrid-Lisboa em 48 horas, 2.ª e última etapa. Vencendo as duas etapas, será ganho o prêmio.

Às 6 horas da manhã, já a Avenida da Liberdade se achava apinhada de gente de tódas as camadas sociais.

Velhos e novos, aristocratas e burgueses, pobres e ricos, mulheres, crian-



ças, tudo, tudo aconteceu ao ponto da partida.

A manhã era fria e nevoenta. Durante a noite choviscara e as árvores achavam-se perladas por gótas transparentes. A's janelas dos prédios, assomavam rostos friorentos mas curiosos. A partida era junto ao «Monumento dos Restauradores.»

Às 6 e meia, Chico Torniquete, devidamente equipado, surgiu no seu magnífico C. T. A multidão aclamou-o em delírio. Ele iria representar o nome de Portugal e, portanto, todos os corações ansiavam pela sua vitória.

A's sete menos um quarto chegaram, finalmente, Bellier, Colbert, Boyer e Herrmann.

Choviam os sorrisos, os apertos de mão, as meias palavras rápidas, despedidas, prevenções, etc., etc., etc.

(Continua na página 8)

NOÇÃO de INFINITO

por AUGUSTO DE SANTA-RITA

O mestre, na escola,
ao João
disse, um dia,
ao dar-lhe a lição
de Geografia:

— «Olha, meu filho, o mundo é uma grande bola

a girar, a girar,
sempre a girar no ar.»

Joãozinho, pasmado,
quedou-se a meditar
nêsse mistério profundo.

Custava-lhe a acreditar
que o mundo
se agüentasse no ar.
Pensou, pensou a fundo;
e, tornando a abordar
o mestre sôbre o assunto, disse:
— «Mas se um dia caísse,
se êste mundo rolasse pelo céu,
onde iria parar?»

— «Ao Infinito» — voltou
o mestre ao pequenito.

— «Mas o que é o Infinito?»

— «É o que não tem fim.»

— «Mas como pode haver uma
coisa sem fim?»

— (Por sua vez voltou
o pequeno João.) —
Não compreendo:»

— «Então

— diz o mestre: — Nem eu.
Como hás-de perceber se eu tam-
bém não!»

*
*
*

Horas depois, em casa, junto à mãe,
o pequenito
torna, curioso, a perguntar também:
— «Ó mãe, o que é o Infinito?»

Ante aquela avidez de tudo perceber,
a mãe, embaraçada,
pensa no que lhe deve responder
e sorri, enleada,
sem saber
que dizer.

Mas, nisto, o Amor de Mãe, dentro
de si desperta
e, iluminada dum clarão bendito,
com a resposta acerta:
— «Olha, ouve, meu filho, o Infinito
é o que nunca finda...»

— «Mas pode haver coisa que não
acabe?»



Torna, ainda,
o pequeno João que já sorri
ao ver que ela não sabe...)

A mãe
torna, porém:
— «Pode, meu filho:—o meu Amor
por ti!»

sim

UMA HISTÓRIA DA GRANDE GUERRA

por LEONOR DE CAMPOS

(Continuado do número anterior)

CERTO dia, tínhamos para o jantar um coelho que a mulher do contramestre gulzara o melhor que lhe fôra possível.

Todos comeram com apetite, excepto eu. Por mais pedidos que me fizessem, não conseguíam convencer-me a comer.

— «Não quero!» — gritava eu! —. Só me apetece uma «omelette» e um prato de taploca! Se não me dão isso, não comerei nada!...

Marejaram-se de lágrimas os olhos de minha mãe. Sem dizer palavra, levantou-se da mesa, embrulhou-se no chalesito miserável, enfiou um cesto no braço e safou.

Passou-se uma hora. Depois, outra... e ela sem aparecer!...

A certa altura, para disfarçar, chamei o filho do contramestre:

— «Maurice!»

O rapaz veio de mau modo:

— «Que queres ó menino?»

— «Conta-me o que fizeste esta tarde!...»

— «Estou pouco para conversar, menino René! Sem a sua mãezinha voltar, não estou sossegado!...»

— «Não sejas piegas! — tornei eu—. A mãe encontrou alguém conhecido e está entretida a palear!...»

Então Maurice indignou-se e exclamou:

— «Nunca supuz que pudesse haver um filho assim!... É mau, egoísta... E não é amigo da sua mãe!... É pior que um lobo!... Então não sabe que a sua mãe, saindo a estas horas, arrisca a vida? E porquê? Porque o menino é caprichoso e quer comer gulodices!... Se eu fosse a sua mãe, em vez de ovos dava-lhe com um pau nessas costas, ouviu? Era o que precisava!... Patife!... Se a sua mãe apanhar um tiro é sua a culpa!...»

Então deu-se em mim uma reviravolta. Aquelas palavras cruéis, mas absolutamente merecidas, estimularam-me. Naquele instante eu senti que Maurice tinha razão e arrependi-me da minha maldade. Saltei da cama, a tremer e a chorar. Ajoelhei. E, de mãos postas, bradei com toda a minha alma:

— «Meu Deus! Protegei a minha mãezinha!... Trazei-ma sã e salva! E eu prometo-vos que me emendarei.

Não permitais que a minha querida mãezinha apanhe um tiro!...»

Ainda eu não acabara a frase quando, perto da nossa casa, soou uma descarga!

Em seguida abriu-se a porta e entrou a minha mãe a cambalear, como se, gravemente atingida, fôsse cair...

Então, corri para ela e amparei-a nos meus braços. Não estava ferida, mas apenas assustada...



Acudiram também o contramestre e a família. Maurice tirou-lhe das mãos o cesto e foi, num salto, escondê-lo noutra quarto.

Neste momento abriu-se de novo a porta da rua e entrou uma patrulha alemã, de armas aperradas.

— «Qual de vocês andava lá por fóra?» — interrogou, em francês, o comandante.

Ninguém respondeu. Ele tornou:

— «Vocês são surdos ou mudos?»

Então Maurice, que regressára lesta-

mente, avançou sorrindo e declarou:

— «Fui eu, comandante. Queria vêr o meu cunhado, o tenente de Infantaria alemã Fritz Keller, pois me tinham dito que chegava esta noite!...»

— «Vocês são da família do tenente Keller?»

— «Sim, senhor. Ele é casado com minha irmã?...»

— «Ah, bem! Já podiam ter dito. Sou amigo d'ele e teria muito prazer em proteger-lhe a família!»

E, voltando-se para Maurice, acrescentou:

— «E tu, meu franganote, escapaste por um triz... Podes acender uma vela aos teus santos! Parece milagre!...»

Apontou a porta, crivada de balas:

— «Vês? Amanhã podes entreter-te a concertá-la! Extrai-lhe as balas. E a porta, depois, servirá para pe-neira!... Boa noite!...»

Mal os soldados saíram, abracei minha mãe. Mas esta afastou-me, chamou Maurice, beijou-o carinhosamente e disse-lhe:

— «Obrigada, Maurice. Teus pais devem orgulhar-se de ter um filho como tu. És um rapaz corajoso, um verdadeiro homem! Assim eu pudesse dizer do meu filho!

Corei até à raiz dos cabelos e, por minha vez, abracei Maurice.

Dai em diante nunca mais fiz afligir minha mãe. Comia do que os outros comiam, muito embora não gostasse. Passeava com Maurice, imitando-o nos modos e nas acções.

Assim, comecei a fortalecer-me de corpo e alma. E quando a guerra acabou, era um rapazão valente e sensato.

A história acabou. Gostaste?»

Luiz pôs-se muito vermelho e retorquiu:

— «Gostei, sim. E percebi muito bem porque ma contou. Também eu quero emendar-me, ser forte e ajudado. Vou deixar de ser guloso e experimentar comer de tudo! Não tornarei a fazer boquinhas à sopa e ao peixe! Nada!... Estamos, de novo, em guerra e sabe Deus o que nos espera!...»

— «Não há dúvida, Luiz. E assim mesmo! Vejo que és inteligente e bom rapaz!...»

— «Muito obrigado, sr. engenheiro. E agora conta-me a história do torpedeamento?»

— «Ficará para outro dia, meu rapaz. Agora é muito tarde!...»

— «Que pena!»

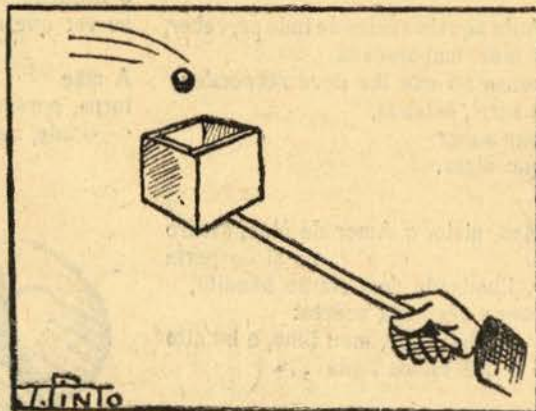
ACRÓSTICO

Substituir as bolinhas e as estrelas por letras e formar o nome dum grande poeta português e grande amigo de todos os mentinos.

● * * * * * — Flôr
— >
* * * — Fruto
— >
* * * * * — Flôr
— Fruto
● * * * * * — Fruto
— >
— >
* * * * * — Flôr

UM JOGO

Uma caixa de madeira e um berlinda, eis os materiais. Joga-se de cada vez o berlinda que o outro jogador procura receber na caixa.



O CESTINHO da COSTURA

POR
ABELHA MESTRA



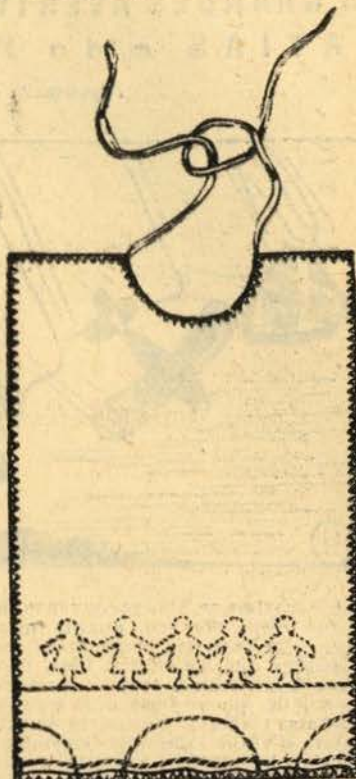
A Abelha Mestre regressou das suas férias e vem, muito contente, trabalhar novamente com as suas Abelhinhas.

execução qualquer de vós arranjará, com a maior facilidade, o respectivo desenho.

Este ou outro qualquer trabalho pode ser executado por moldes idênticos, pois neste caso a fantasia é soberana!

Qual de vocês não têm já pegado num papel, dobrado em várias partes e recortado, com uma tesoura, uma série de bonecas, todas de mãos dadas?

Pois assim mesmo é que foi arranjado o nosso modelo de guardanapo e assim é que vocês o irão fazer. Depois das bonecas recortadas, ajustem os moldes sobre o tecido do guardanapo e passem com muito jeitinho o contôrno, servindo-se dum lápis. Têm, desta forma, desenhadas, sem custo algum, as engraçadas «mônas» que em seguida bordam. O guardanapo é terminado com um «picot de crochet.»



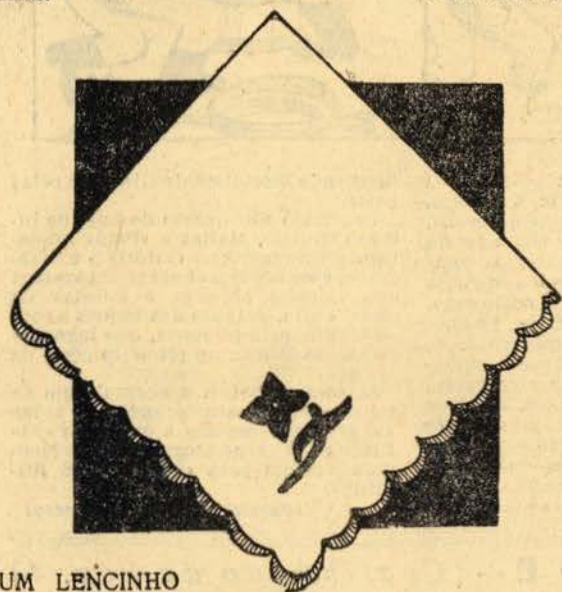
UM GUARDANAPO

Aquelas que começam agora a bordar, podem fazer um lencinho muito simples com ponto de recorte e uma florinha.

Nos desenhos, à vossa esquerda, encontram a maneira, bem clara, de executar o ponto.

Vossa sempre amiga

ABELHA MESTRA



UM LENCINHO

Trago-vos, hoje, o modelo dum guardanapo deveras engraçado e para cuja

dam. O guardanapo é terminado com um «picot de crochet.»

O PASSATEMPO DOS 3 PROVERBIOS

SOLUÇÃO



QUEM TEM BOCA... VAI A ROMA.



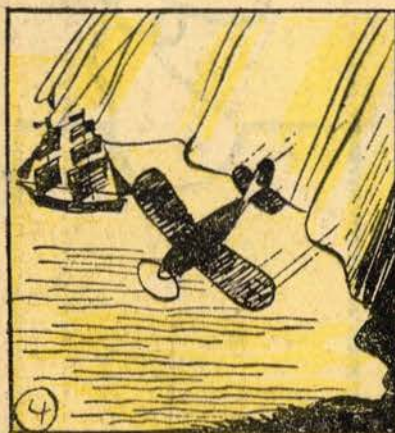
QUEM TUDO QUERE, TUDO PERDE



CESTEIRO que faz um cesto, faz um cento

AS GRANDES AVENTURAS do AERONAUTA MATIAS e do PILOTO «PÁTÓ»

(Continuado da página 1)



ame, aproxima-se. Matias convence-se de que veem em seu auxílio mas «Pató», em face das arremetidas de «Mascotte» que, de orelhas fitas, não se cansa de ladrar, tem o pressentimento de que se trata dum assalto de piratas chineses. Dentro em pouco, Matias, «Pató» e «Mascotte» encontravam-se a braços com a terrível realidade, no tombadilho do barco, como prisioneiro dos piratas que já lhes haviam apreendido o avião e toda a gasolina que levavam.

Fingindo uma absoluta submissão, ao cair da noite pediram licença ao capitão da quadrilha para se recolherem no porão do barco, a fim de passarem pelo sono, pois se encontravam exte-

nuados da acidentada viagem aérea que haviam feito. Oblida a licença, Matias e «Pató», que fingem dormir, vão combinando, a meia voz, a forma de se libertarem dos captores. E, combinado o plano, à meia noite, quando os piratas estavam passando pelo sono, os nossos heróis dirigiram-se, pé ante pé, ao tombadilho da embarcação, e, aprisionando e amordaçando o pirata-piloto, que estava de vigia, prepararam rapidamente uma barricada, a fim de travarem o combate, cujo sinal de guerra seria dado pelo primeiro tiro de pistola. Assim, à medida que os restantes piratas iam surgindo, armados, de arcos e flechas em punho, iam

tombando mortalmente atingidos pelas balas.

Decorrido um quarto de hora de intenso tiroteio, Matias e «Pató» bradavam alegremente: — «Vitória!» Em seguida, após algumas buscas, depararam uns valiosos objectos e moedas de prata e ouro, produto dos saques e roubos feitos pela pirataria, que logo trataram de leiloar no primeiro porto de abrigo.

Já com os bolsos a abarrotarem de notas, e-los reabastecendo o avião de gasolina, prontos a deixarem «SARILHOS» e a prosseguirem a acidentada viagem para «CASCOS DE ROLHAS».

(Conclui no próximo número)

CHICO TORNIQUETE — (Continuado da pág. 4)

O momento era emocionante.

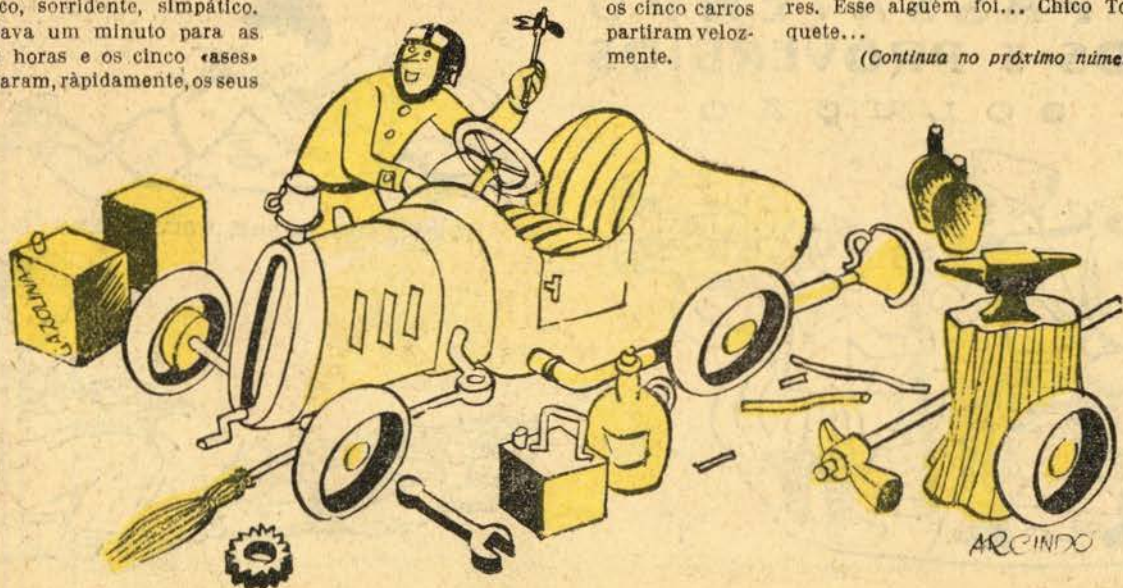
O nosso querido hérol, abraçado por Lisboa em péso, distribuía sorrisos para todos os lados, bem disposto, fresco, sorridente, simpático. Faltava um minuto para as sete horas e os cinco «ases» tomaram, rapidamente, os seus

lugares. Um cronómetro marcava a hora da partida.

— Sete horas em ponto! — Arranca!... E ante a gritaria infernal da garotada, os cinco carros partiram velozmente.

De súbito... alguém notou que, muito alto, um medonho avião de asas amarelas, com uma grande cruz negra, sobrevoava os cinco corredores. Esse alguém foi... Chico Torniquete...

(Continua no próximo número)



ARCIINDO